

*Em caminho  
rumo à Santidade com  
Me. Margarida De Brincat*



**Aos cuidados de  
Pe. Pier Guseppe Pesce OFM**



IVSTITIA FORTITVDO TEMPERANTIA

**As virtudes heróicas  
da Venerável Serva de Deus  
Madre Margarida De Brincat,  
Fundadora  
das  
Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus,  
apresentadas pelas suas filhas espirituais**

(Aos cuidados de Pe. Pier Giuseppe Pesce, O.F.M.)

140º Aniversário de Fundação da Nossa Congregação

1880 - 2020

Impresso 2020

Casa Generalizia  
Santa Maria delle Mole  
Marino. Roma

## **Premissa**

Para as pessoas consagradas a Deus na vida religiosa, manter viva a memória de seus fundadores é condição essencial para receber das raízes históricas e inspiradoras, aquele sangue vital que permite dar à sua vida pessoal e comunitária, a marca de qualificação de uma fidelidade genuína e dinâmica, que sabe como harmonizar o desenvolvimento na continuidade.

As Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus sentem forte essa exigência. Testemunham isso, as numerosas publicações sobre a vida e a espiritualidade da Venerável Serva de Deus, Madre Margarida De Brincat (1862-1952) que, continuando com muito amor e cultivando assiduamente a obra iniciada pelo Padre José Diacono, é corretamente considerada, junto com ele, a Fundadora da Congregação.

Um ulterior e significativo sinal dessa conscientização são as frequentes iniciativas tomadas pela Congregação para aprofundar, entre as irmãs, o conhecimento de seu carisma específico, a partir de como Madre Margarida o concebeu, viveu e transmitiu.

Enquanto isso, dois eventos de extraordinária importância ocorreram. Em 12 de abril de 2013, o peculiar Congresso da Congregação para as Causas dos Santos, reuniu-se para discutir os Votos elaborados pelos nove Consultores Teológicos encarregados de avaliar a heroicidade das virtudes exercidas por Madre Margarida. No final da discussão, o julgamento afirmativo foi unânime. Em 27 de janeiro de 2014, esse julgamento foi confirmado com autoridade e oficialmente pelo Papa Francisco. Assim, Madre Margarida adquiriu o título de Venerável.

Compreensivelmente, esses eventos aumentaram ainda mais o interesse das irmãs em relação à sua Fundadora.

Esse interesse se concretizou em uma iniciativa oportuna e louvável do Conselho Geral: envolver diretamente todas as irmãs no compromisso de um estudo aprofundado. Para esse fim, as entidades específicas nas quais a Congregação é articulada (Províncias, Regiões, Casas dependentes da Superiora Geral) foram encarregadas da tarefa de estudar a espiritualidade de Madre Margarida levando em consideração suas virtudes: de que maneira e com que espírito ela as viveu e as transmitiu.

As fontes que as irmãs utilizaram para realizar este estudo são principalmente duas.

A primeira fonte são as numerosas cartas de Madre Margarida publicadas em 2001 e que todas as irmãs conhecem bem. Na verdade, citações explícitas nem sempre são relatadas sobre tópicos específicos; mas isso tem uma sua explicação plausível: em vez de se preocupar em trazer citações literais, interessa às irmãs colher o conteúdo e o espírito do que Madre Margarida escreve. Todavia, para tornar o discurso mais claro e motivado, pareceu-nos oportuno trazer algumas ulteriores adições.

A segunda fonte são os votos dos consultores teológicos. A partir desta fonte que relata inúmeros resultados emersos no *Inquérito diocesano* para a Beatificação, celebrado em Gozo nos anos de 1988 a 2000, as irmãs conseguiram muitas informações fornecidas pelas pessoas (irmãs, mas também leigos) que conheceram bem Madre Margarida e prestaram testemunho fiel e detalhado.

As irmãs fazem frequentes referências às Constituições para verificar de que modo e medida sentem o carisma congregacional transmitido por Madre Margarida. Essas referências não são relatadas aqui porque o Capítulo Geral, realizado em julho passado, atualizou as Constituições que ainda não tiveram a ratificação oficial da Congregação para os Institutos de vida

consagrada. No entanto, não há dúvida de que as novas Constituições também estão em perfeita sintonia com o carisma congregacional.

Os frutos deste estudo exigente são reunidos aqui numa síntese unitária. Para evitar dúvidas, é bom fazer alguns esclarecimentos. Cada grupo trabalhou de forma independente e, portanto, existe uma certa diversidade, tanto no material coletado quanto na maneira de proceder para ordená-lo e apresentá-lo. Nesta síntese, foi feita uma tentativa de reunir todo esse material e de amalgamar sua apresentação em um discurso orgânico. Por esse motivo, nenhuma referência é feita a grupos específicos, mas às irmãs, como um todo, é atribuído quanto é exposto.

Também devemos ter em mente que o estudo realizado pelas irmãs está centrado nas virtudes de Madre Margarida, mas não se tem a pretensão de ser exaustivo. A atenção das irmãs se concentrou principalmente nas virtudes teológicas e cardeais; mas, é claro, as irmãs não deixaram de levar em consideração outras virtudes que contribuíram de maneira mais incisiva para especificar e qualificar a espiritualidade de Madre Margarida.

Uma última observação: as virtudes, como o amor e a prática do bem, estão intimamente interconectadas, formam como um único organismo espiritual. Na perspectiva cristã, as virtudes teológicas têm a função de oferecer os princípios inspiradores e as motivações subjacentes de suas escolhas operacionais; as virtudes morais têm a tarefa de traduzir esses princípios e motivações em escolhas concretas. Mas, como é evidente, um determinado comportamento pode implicar, simultaneamente, o exercício de outras virtudes. Isso explica e justifica por que, aqui e ali, se encontram diversas repetições no texto que estamos apresentando; na realidade, são simplesmente a confirmação dessa estreita interconexão.

Frei Pier Giuseppe Pesce, O.F.M.

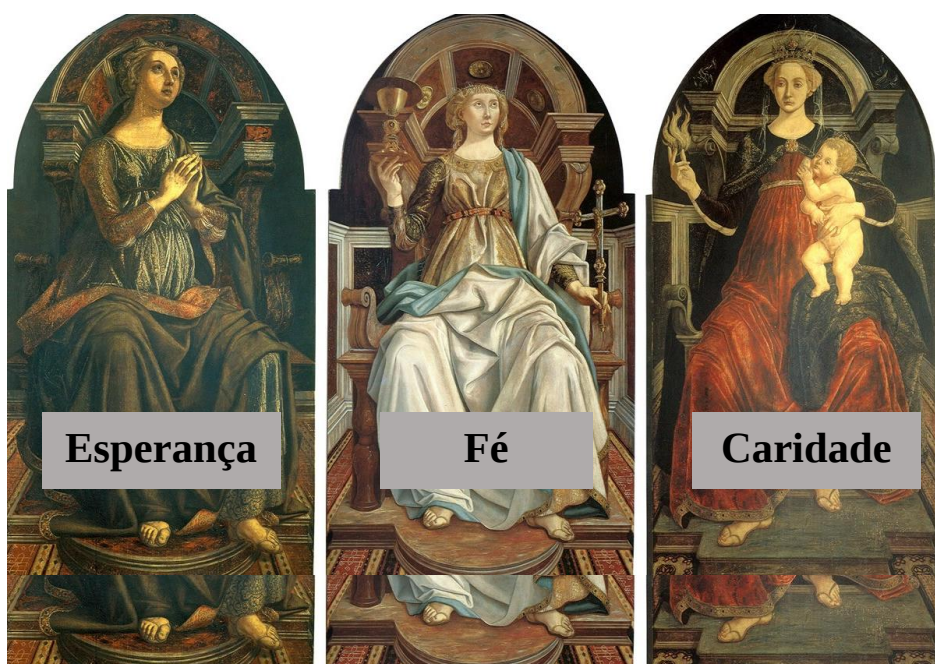


## As virtudes teológicas

O Catecismo da Igreja Católica apresenta assim as virtudes teológicas: *"As virtudes teológicas fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão. Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para serem capazes de agir como seus filhos e merecer a vida eterna. São o penhor da presença e ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. Três são as virtudes teológicas: fé, esperança e caridade "(n. 1813).*

Por sua vez, lembram que a Igreja é uma comunidade que vive de fé, esperança e caridade (cf. LG 8), o Concílio Vaticano II destaca a conexão intrínseca e inseparável entre essas virtudes: a fé *"acende a esperança e trabalha através da caridade "(cf. LG 41).*

Nestas premissas teológicas essenciais, vemos como as irmãs acolheram a encarnação das virtudes teológicas na vida de Madre Margarida e como receberam a sua mensagem graças à transmissão das mesmas através de suas cartas.



## Fé

É corretamente lembrado que *"a fé é o fundamento do que se espera e prova do que não se vê"* (Hb 11, 1). Igualmente oportuno, são relatadas algumas afirmações significativas de Jesus: *"Quem ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será como um homem sábio que construiu sua casa sobre a rocha"* (Mt 7,24); *"Bem-aventurados os que, apesar de não terem visto, crerão"* (Jo 20,20). Essas citações, e outras semelhantes, nos fazem lembrar a realista advertência do apóstolo Tiago, segundo a qual a fé vive somente se for demonstrada nas obras (cf. Tg 2,14 ss.).

Essas referências bíblicas são úteis para descrever como as irmãs falam da fé de Madre Margherita.

Como premissa, é bom ressaltar que os documentos das irmãs não faltam indicações com características gerais sobre a virtude da fé. Podemos resumi-las assim: a fé é a fonte e o centro da vida religiosa. Pela fé, a pessoa encontra Deus e age em resposta ao seu plano. A fé abre a capacidade de compreensão humana aos tesouros divinos, ao conhecimento de Cristo e de seu amor. Uma visão de fé ajuda a pessoa a encontrar Deus em tudo e em todas as pessoas. A fé é a nossa profunda convicção expressa sobre Deus ...

Falando de Madre Margarida, quando as irmãs tratam a respeito da sua fé, espontaneamente, o pensamento delas tende a sublinhar numerosos exemplos concretos que a sua fé encarnou ao longo de toda a sua vida e se manifestou no exercício de todas as virtudes. A sua fé era realmente "viva e forte", como vemos confirmadas luminosamente em suas cartas.

De fato, escrevendo para uma irmã em 3 de dezembro de 1931, ela mesma deixa transparecer essa ação fecunda e global da

fé: *“Oh! santa fé! Quantas coisas ensina aos que meditam com amor! ”* (C 147).

Como se costuma destacar, Madre Margarida dedicava muitas horas do dia e da noite à oração e à meditação, preferindo estar aos pés do tabernáculo. E foi ali, mais do que nos livros, que, juntamente com o amor a Deus-Trindade, sua fé foi nutrida e fortalecida, tornando-se sua referência inspiradora, seu guia espiritual, seu sustento de cada dia.

Para entender melhor essa afirmação, é bom ter em mente que a primeira coisa que ela aprendeu e aprofundou meditando assiduamente à luz da fé e, da qual tudo o mais, de certo modo, deriva e depende, é um conhecimento iluminado e profundo de Deus, na medida em que isso é possível para uma criatura humana: conhecimento de seu insondável mistério trinitário, de seu sábio projeto salvífico, de seu comportamento amoroso e misericordioso para com os homens ... Isto é confirmado nas numerosas e sugestivas apelações, ricas de intuições profundas e acentuações penetrantes, espalhadas por toda parte em suas cartas e que não escaparam à atenção das irmãs: *“Um tudo tão Absoluto! Um Trino e Uno ”*(C 28); *"aquele Oceano de amor infinito, de amor eterno"* (C 37); *"o nosso divino Redentor e adorável Salvador"* (C39), *"o bom Prisoneiro"* (C 49) *"naquele Seio paterno"* (C 52); *"o Doador de todo o bem ... o Pai mais doce, qual Mestre o mais amável ... o nosso bom Deus"* (C 109) ...

Esse primeiro e fundamental fato é captado muito bem pelas irmãs quando, por exemplo, percebem que, pela maneira como Madre Margarida falava de Deus, ela demonstrava ter uma profunda fé nele, que não apenas preenchia o seu coração de admiração e de amor, mas que plasmava toda a sua vida. E, para confirmar, são feitas referências significativas.

Justamente, é reconhecida com expressões de gratidão filial, a determinante e providencial contribuição dada por Madre

Margarida à compreensão, cada vez mais rica, do carisma congregacional. É uma contribuição que ela continuou a oferecer durante toda a vida mediante seu exemplo pessoal e através dos pensamentos expressos com insistência materna em suas cartas, bem como com as iniciativas corajosas e perspicazes empreendidas nos longos anos de seu serviço à Congregação como Superiora Geral.

Em particular, lembramos o impulso impresso por ela para colocar no centro da própria vida o amor e o culto ao Coração Eucarístico de Jesus, a exortação a se comprometer em tornar conhecido o "Amor" ( palavra que para ela era sinônimo de Jesus) para ser amado por todos e em toda parte, o encorajamento a imolar-se generosamente "como vítimas" para reparar às muitas ofensas feitas a Deus, o impulso a dar em prol do zelo apostólico, a abertura à atividade missionária, o apelo para assimilar os principais pontos de qualificação da espiritualidade franciscana ...

Outro tópico que as irmãs prestam muita atenção e sensibilidade justificada, é a confiança incondicional que Madre Margarida depositava na "providência divina"; uma confiança que inculcava persistentemente não apenas às irmãs, mas também às outras pessoas (incluindo seus diretores espirituais), confiante de que jamais faltaria a ajuda de Deus.

Por esse motivo, e como consequência lógica, era natural e reconfortante abandonar-se total e constantemente, mas de modo especial, nos momentos críticos e nas situações problemáticas (pessoais ou comunitárias, materiais ou espirituais ...), à santa vontade de Deus e ela jamais se cansava de encorajar as irmãs e as outras pessoas a fazerem o mesmo.

Igualmente, as citações retiradas das suas cartas são numerosas e sugestivas. Escolhemos algumas, apenas. Em 16 de abril de 1922, em uma longa carta à Ir. Pacífica Xuereb, Madre

Margarida escreve: *“Oh! Que calma goza a nossa alma ao se deixar abandonada aos cuidados do nosso bom Jesus. Como não? Se ele cuida dos pássaros do ar e dos insetos da terra, como não assiste e não ajuda ou não conforta as suas amadas esposas ?! (C 80).* Em 21 de setembro de 1927, escrevendo de Regalbuto (Sicília) para Mons. Antonio Galea (então seu diretor espiritual), depois de ter confessado amargamente que lhe parecia estar em terra de missão e ter manifestado a urgência de ter outras irmãs nesse lugar, conclui: *“Bem, deixemos tudo aos cuidados da providência divina, que nunca deixa de assistir aqueles que confiam na sua bondade ”(C 20).* Escrevendo em 28 de janeiro de 1930 à neo professora Ir. Giuditta Zammit, entre outras fervorosas exortações e recomendações, ela acrescenta: *“Busque sempre a companhia de Jesus em seu tabernáculo; atinja dele toda ajuda, conforto e luzes de que você precisa e sempre, com confiança inabalável, persevera e abandona-se totalmente aos seus amáveis cuidados paternos ”(C 128).* Em 7 de outubro de 1941 de Marsalforno (Gozo), onde estava por problemas de saúde, escrevendo a Mons. Alfonso Agius (então seu diretor espiritual), confessa sentir-se num "duro exílio" e acrescenta: *“Mas seja feita, amada, adorada a SS. Vontade do bom Jesus, três vezes Santo ”(C 42).*

Esse abandono confiante em Deus e à sua vontade teve resultados tangíveis de vários gêneros, inclusive a nível econômico. Confirmação significativa deu-se na "Casa da Adoração" em Valletta (Malta), aberta há pouco tempo e sem meios seguros de subsistência, onde Madre Margarida era Superiora. Em uma carta de 7 de maio de 1924 a algumas co-irmãs, ela confidencia: *"A providência nos faz sensivelmente visível o cuidado que tem para com suas filhas que Nele confiam amorosamente" (C 68).* Provavelmente também se refere a alguns episódios providenciais mencionados pelas irmãs: a chegada inesperada de uma aspirante que, com o seu dote, permitiu pagar um trabalhador que pedia para receber urgentemente por um

trabalho realizado; o aparecimento inexplicável de uma libra esterlina do livro que Madre Margarida tinha nas mãos e que permitiu à cozinheira comprar o necessário; a misteriosa visita de um estranho que deixou a quantia necessária para as despesas do dia...

Para entender bem o abandono confiante que Madre Margarida colocava em Deus, é esclarecedor o que ela confidenciou ao Mons. Antonio Galea em 17 de maio de 1923: *"Não posso falar mais claramente no presente porque me sinto esmagada por um peso de um lado e do outro; sinto-me como uma menina pequena pequena acompanhada por um Pai cuja presença me faz esquecer toda amargura"* (C 25). Sentir-se "pequena pequena" diante de Deus é uma imagem eloqüente e comovente ao mesmo tempo: lembra e faz próprio, com realismo e humildade, a atitude das crianças que, conscientes de não poder providenciar por si mesmas, esperam tudo com confiança do amor carinhoso dos pais.

Sentir-se "pequena" diante de Deus é uma convicção bem enraizada em sua alma, à qual ela retorna em outros momentos (cf. C 111, 123); e, portanto, ela também a inculca à suas irmãs (cf. C 144). É natural pensar nas palavras de Jesus: Deus se revela aos pequenos (cf. Mt 11,25) e a eles pertence o reino de Deus (cf. Mt 18,3). Em suma, essa convicção não tem nada a ver com aquele comportamento da "criança", da qual Madre Margarida adverte (cf. C 143): não se trata de infantilismo psicológico, mas de maturidade espiritual.

De fato, Madre Margarida sabia muito bem que, somente com nossas próprias forças, especialmente em âmbito espiritual, nada de bom acontece. Em 16 de abril de 1922, na mencionada carta à Irmã Pacífica Xuereb, ela diz: *"Creio que você está em paz e em grande confiança no cuidado da providência divina, sem a qual jamais podemos fazer coisas boas, nem poucas nem muitas."*

*Portanto, não deixe nunca de exercitar-se neste belo exercício de total abandono a Deus nosso Pai "(C 80).*

Nesse cenário de uma fé iluminada e corajosa, não surpreende ouvir Madre Margarida repetir e exortar as co-irmãs a fazerem o mesmo, seu incondicional e generoso "Fiat" em relação à vontade de Deus, que nem sempre corresponde aos desejos e às expectativas pessoais. Esta palavra, que ecoa a resposta de Maria de Nazaré ao anjo da Anunciação (cf. Lc 1,34 e ss.), aparece inúmeras vezes em suas cartas, principalmente nos momentos mais críticos e nas situações mais difíceis. E com razão as irmãs prestam a devida atenção a isso, como podemos constatar em algumas citações. A uma irmã, em 5 de maio de 1922, Madre Margarida escreve: *"Agora é necessário resignar-se a toda disposição da divina providência! Sim, repitamos sempre o querido Fiat. Porém, corajosamente e com alegria e não em lágrimas e suspiros. Entendido? Desconfiança de nós mesmas e confiança ilimitada na bondade divina; e basta! " Compreende? "* (C 143). À irmã Giuditta Zammit, em 28 de janeiro de 1930, ela diz: *"Coragem, repita com ânimo forte o doce Fiat sem um se, sem um mas" (C 128).*

Mas, como sempre e em tudo, ela é a primeira a viver neste incondicional abandono espiritual em Deus. Para fazer pelo menos uma menção, na carta de 23 de junho de 1917 enviada de Corfú ao Mons. Antonio Galea, depois de apresentar a situação existente no momento, conclui: *"As outras coisas espirituais estão indo mediocrementemente bem, dadas as circunstâncias atuais do trabalho, doenças, falta de víveres, etc .Eh! Paciência e sempre o amado Fiat "(C 3).* Em 30 de março de 1942, escrevendo para Mons. Alfonso Agius, acena às suas precárias condições de saúde que a obrigavam a uma vida muito retraída e



conclui: "*O caríssimo Fiat me exercita continuamente num doce abandono, sem sentimento*" (C 49).

## **Esperança**

A fé, lembra o Concílio, "*acende a esperança*" (cf. LG 41). Essa ligação íntima é implicitamente ressaltada pelas irmãs quando, por exemplo, observam que a esperança faz viver em âmbito pessoal os princípios doutrinários e os valores inspiradores que a fé transmite e ensina. Numa palavra, a esperança baseia-se na fé e é nutrida por ela: esperamos porque cremos; esperamos o que acreditamos.

Essa constatação explica e justifica por que, ao falar de esperança na vida de Madre Margarida, as irmãs frequentemente referem também à esperança muitas coisas que já foram destacadas falando da sua fé. É o caso, em particular, da confiança inabalável com a qual ela se abandonava totalmente a Deus e à sua vontade. De fato, essa é exatamente uma característica fundamental da esperança cristã: esperar com serena confiança e certeza firme de que quanto, enraizado na fé e em harmonia com a mesma, nós esperamos encontrará cumprimento exato e pleno, porque Deus é fiel à sua palavra (reveladora do seu projeto) e às suas promessas (com as quais se compromete realizá-lo).

Considerando essa conexão objetiva entre fé e esperança, bem como com as outras virtudes cristãs, podemos integrar um pouco a discussão sobre esperança com detalhes interessantes que atraíram a atenção das irmãs.

Em suas cartas, falando de situações problemáticas, Madre Margarida traz realisticamente o discurso sobre o tema da coragem; e, com uma expressão típica sua e recorrente, afirma que a coragem deve ser "forte, forte".

Por exemplo, escrevendo em 1º de agosto de 1922 para uma irmã que estava passando por um período de desânimo, Madre Margarida recomenda calorosamente: *“Devemos fazer tudo o que pudermos, depois deixemos agir a providência divina sem medo algum. Coragem, portanto, forte forte”*(C 144). E, depois de tê-la convidado a intensificar seu amor por Jesus, aceitar os sacrifícios inevitáveis e abandonar-se à providência divina, ela continua: *“Vamos, em frente! Coragem forte forte. Não somos esposas do Rei dos céus? Por que duvidamos? Por que desconfiamos da sua assistência paterna? Oh! quão ingratas somos!”*. Em 19 de julho de 1942, no auge da Segunda Guerra Mundial, que provocava duras consequências também em Malta, ela encorajava o Mons. Alfonso Agius, desta maneira: *“Coragem forte forte, querido Padre; num exílio tão sombrio, mais duro do que nunca, abandonemo-nos totalmente naquele Seio paterno, onde se encontra tudo o que nossa pobre alma pode desejar e precisar ”*(C 52).

Certamente, a coragem que Madre Margarida incutia nos outros, ela era a primeira a colocá-la em prática. Em 11 de outubro de 1921, escrevendo de Roma para Mons. Antonio Galea, depois de mencionar as dificuldades sofridas, acrescenta: *“Sempre Fiat! Graças ao nosso bom Jesus, nunca nos faltou nem a coragem nem a resignação ”*(C16).

De fato, a vida de Madre Margarida é marcada por múltiplos e significativos atos de coragem.

Sem dúvida, o episódio mais extraordinário, que permanece indelével na memória histórica das irmãs, é o que ocorreu nos primeiros anos da Congregação, porque foi decisivo para o seu futuro. De fato, devido à onerosas dívidas contraídas que não conseguia pagar, Padre Giuseppe Diacono decidiu pôr fim à obra que havia iniciado e reenviar as irmãs para casa. Madre Margarida, que estava em Birkirkara (Malta), estando em oração,

sentiu a inspiração de ir imediatamente à Casa Mãe de Gozo onde, para surpresa de todos, disse que com a ajuda de Deus, estava pronta para assumir a responsabilidade da Congregação e encarregar-se dos problemas existentes. Com certa decepção, Padre Diácono apresentou suas fortes perplexidades humanamente compreensíveis: depois de tudo, ele salientou que Madre Margarida era ainda muito jovem e não tinha experiência para isso. Mas ela, com humildade acrescida à firmeza, reiterou sua disponibilidade, confiando na ajuda de Deus. Por fim, ela conseguiu convencer o Padre Diácono e, assim, a Congregação foi salva.

Outra série de iniciativas corajosas e perspicazes empreendidas ou promovidas por Madre Margarida diz respeito ao desenvolvimento que ela deu à Congregação. Enquanto Padre Diácono pensava em limitar a presença das irmãs às ilhas maltesas, ela tinha horizontes mais amplos. Quando o bispo de Malta propôs enviar algumas irmãs a Corfú em missão com os malteses que para lá emigraram, superando as perplexidades compreensíveis e as resistências iniciais do Conselho Geral, ela não hesitou em aceitar a proposta. É graças a ela a abertura das primeiras casas na Itália, em Sicília (Regalbuto e Troina) e em Roma. Igualmente influente foi sua ação ao promover a abertura da Congregação à atividade missionária, enviando as primeiras irmãs para a Etiópia.

A esperança cristã, ao instilar a coragem necessária para enfrentar as situações nem sempre fáceis da vida, exerce sua influência benéfica e múltipla também, e mais ainda, a nível espiritual. E Madre Margarida era bem ciente disso.

Em sua humildade, ela era convicta de ser uma pobre pecadora, sentia-se uma pessoa ingrata a Deus por não ter correspondido aos muitos benefícios recebidos; contudo, ao mesmo tempo, nutria um desejo pungente de ser libertada de sua

miséria espiritual. Por isso, não encontrava remédio mais seguro, juntamente com o compromisso de reparação, que confiar-se a Deus e ao seu inesgotável amor misericordioso.

Compreensivelmente, a esse respeito, ela confienciava mais abertamente e de modo especial em seus diretores espirituais. Na referida carta de 17 de maio de 1923 a Mons. Antonio Galea confessa: *“Querido padre, a lembrança do fardo pesado que tenho, referente às almas alheias, me assusta muito, enquanto minha pobre e ingrata alma já é demais pesada. O que devo fazer se não me abandonar totalmente aos cuidados paternos da divina providência? "Preciso de ajuda, coragem, então me lanço imediatamente naquele oceano de Amor divino" (C 25).* Na carta de 8 de abril de 1941 a Mons. Alfonso Agius, afirma: *“O que devo responder à sua carta? Humilhar-me no abismo das minhas misérias, não somente, mas quanta ingratidão e má correspondência para com um tão pródigo Patrão! Oh! Padre, Padre, como me sinto desmoralizada diante de uma Bondade tão santa, tão elevada, etc., diante de uma Majestade tão divina! Como sinto a necessidade de esconder-me, de aniquilar-me, de estar num profundo silêncio ... Contudo, querido Padre, me recomende sempre mais calorosamente ao bom Deus, para que ele me mantenha estritamente ao seu peito para não escapar, pois isso é fácil a causa da minha negraingratidão " (C 37).*

Mas, às vezes, ela abria seu coração também com as co-irmãs. Por exemplo, para uma delas em 14 de abril de 1946, escreve: *“Tenho idade avançada, mas sou uma criança nas virtudes. Acredite, minha querida ... Você me pergunta como me consumi nas chamas do doce Amor. Respondo que me sinto cheia de amor próprio: acredite, caríssima. Porém, não quero scandalizá-la, porque espero que, no final, nosso bom Jesus me dará a graça de ser aniquilada; eh! eh! Então ele me esconderá num ângulo secreto do Santíssimo (tenho vergonha de dizer isso), no Santíssimo Coração " (C 151).*

A comovente ansiedade de Madre Margarida, como resulta dessas e de outras afirmações semelhantes, era motivada pelo seu ardente desejo de crescer cada vez mais na mística comunhão com Jesus, o seu "Amor", do qual se considerava a esposa amada. Era um desejo que a transportava além do tempo desta vida terrena, mas se projetava ansiando por uma comunhão plena e definitiva na vida do céu. De fato, este é o objeto essencial da esperança cristã: é uma esperança escatológica, para a qual a ajuda providencial de Deus prepara e orienta.

Várias vezes em suas cartas, Madre Margarida define sua vida terrena como um exílio, um "duro exílio" (cf. C 42, 52, 75, 114). Vive essa consciência numa atitude de equilíbrio iluminado: desejo ardente de alcançar quanto antes a meta, mas total abandono à vontade de Deus. É o quanto expressa, por exemplo, numa carta a algumas irmãs da Casa Mãe (Gozo), em 14 de dezembro de 1945: *"Como devo mostrar a vocês o meu caráter velho e decadente? (evidentemente se refere à sua letra instável): Eh! Minha permanência neste exílio é demasiado longa! Espero, no entanto, que não se prolongue muito. Contudo, estou feliz por ainda estar aqui: importante que seja para agradar nosso dulcíssimo Esposo Jesus"*(C 75).

Esse emaranhado de preparação espiritual e de expectativa confiante, impele Madre Margarida a lembrar a si mesma e às irmãs a necessidade de estar vigilantes: ignorando quando o encontro definitivo com Jesus acontecerá, é preciso estar sempre prontas. Para algumas co-irmãs, numa carta sem data, ela escreve: *"Enquanto isso, todas vocês, minhas queridas, sejam cada vez mais generosas com o nosso amado Esposo, para chegarmos à meta já alcançada pela nossa perfeição. Todas, todas fiquemos atentas porque, como um ladrão, virá roubar-nos; e, como estamos sempre prontas, não nos assustará de modo algum, aliás, será esperado e desejado"*(C 77).

Ao mesmo tempo, a perspectiva escatológica tornou-se para Madre Margarida um ulterior incentivo para aceitar generosamente sacrifícios e sofrimentos em união com Cristo, primeiro, dolorosamente crucificado e depois, gloriosamente ressuscitado. Escrevendo, numa Quinta-feira Santa para uma comunidade, assim aconselha: " *Vemos também nesses dias santos, o nosso amável Jesus saturado de opróbrios! Obediente à morte e morte de cruz! O que mais queremos para abater até à morte o nosso orgulho ou, melhor dizendo, o nosso reverendo amor próprio?! Ah! entendamo-lo bem: sem morrer, não se pode ressuscitar. Portanto, morramos com o nosso bom Jesus, para que com Ele possamos ressuscitar a um a vida nova... Amemo-lo puramente e basta. Desejo-lhes também aflições para que vocês possam ser semelhantes ao dulcíssimo Jesus crucificado, Amante de nossas almas e, depois, gloriosas para sempre lá em cima, com Ele Ressuscitado. Amém! Amém!* " (C 79).



## Caridade

Conscientes de que a caridade é o maior mandamento promulgado por Jesus (cf. Mt 22,34 e ss.), as irmãs relatam em coro que a caridade é a virtude que reinava soberana na mente, no coração e no comportamento de Madre Margarida, como resulta das respectivas afirmações: Cristo sempre esteve no centro de sua vida interior; viveu sua consagração plenamente, amando, servindo, adorando e honrando o Senhor; fez uma morada e uma casa para Deus com seu coração indiviso; tinha uma união íntima com Deus, que foi fundamental na sua vida; o seu maior desejo, sobre o qual sua vida girava, era: "Amemos o Amor"... De fato, a insistência apaixonada com que Madre Margarida fala de amor em suas cartas, e a sentida insistência com que o inculca em suas irmãs, são um testemunho eloquente e sugestivo.

As irmãs apontam, com razão, que essa centralidade apaixonada e dinâmica dependia do entendimento teológico-inspiracional que Madre Margarida tinha de Deus-Trindade. É um entendimento que incorpora totalmente a definição do apóstolo João: Deus é amor (cf. 1 Jo 4,16). Na verdade, para ela Deus é, também, o Amor feito pessoa; palavra, esta de Amor, que inclusive, resume a profundidade insondável de sua natureza e ilumina a misteriosa sabedoria do seu agir. Isso não exclui que, frequentemente, discorrendo sobre o Amor, Madre Margarida se refira acima de tudo a Jesus, o que, pensando bem, é totalmente justificável, pois, como afirma o apóstolo Paulo, Jesus é a imagem visível do Deus invisível (cf. Cl 1,15); portanto, proclama Jesus quem O vê, vê o Pai (cf. Jo 14, 8ss).

Para ilustrar esse dado fundamental, as irmãs se referem a numerosos elementos concretos que, como um todo, são sinais

iluminadores que revelam e realizam essa centralidade na vida de Madre Margarida.

Naturalmente, e não poderia ser diferente, sua expressão emblemática é relatada em coro e aparece como um constante refrão inspirador aos seus veementes convites e apelos usuais: Amemos o Amor.

Em relação a Jesus, Madre Margarida destaca a sua convicção radical de que ele é o Amor por uma série de razões que têm, por assim dizer, o seu ápice em dois eventos: Jesus é o Amor porque morreu na cruz por nós e porque para nós se faz presente no sacramento da Eucaristia. Essas duas motivações, que testemunham de maneira sublime que Jesus é o Amor que se doa, para ela encontram uma resposta adequada no ícone do Coração, o símbolo universal do amor. De fato, em suas cartas é recorrente a referência a Cristo Crucificado e ao Coração Eucarístico de Jesus.

Tomada por essa consciência, Madre Margarida sentia de maneira impressionante a necessidade de se deixar permear plenamente pelo Amor e de corresponder o máximo possível: amor com amor se paga, repete várias vezes em suas cartas (cf. C 78 122, 155, 161, 172 ...).

Como as irmãs lembram, Madre Margarida encarna o compromisso de corresponder ao Amor numa perspectiva inebriante do amor esponsal: um amor que é total, exclusivo, definitivo; um amor que leva à plena comunhão e partilha de vida. De fato, como já vimos em citações anteriores, ela considerava a si mesma e as suas irmãs como as esposas prediletas de Jesus, escolhidas livremente por ele sem nenhum mérito pessoal. Entende-se, assim, mais profundamente, por que as irmãs enfatizam que Madre Margarida era uma mulher "apaixonada"; da mesma forma, adquire um significado mais incisivo a sua expressão apelante de que se deve amar com um "amor puro", ou seja, sem comprometê-lo com outros amores.

Essa visão esponsal encontra uma correspondência eloquente em seu ardente desejo de poder realizar a experiência do apóstolo Paulo: não sou mais eu quem vive, mas Cristo vive em mim (cf. Gl 2,20). A esse respeito, lemos o que ela confia a uma co-irmã em 5 de maio de 1907: *“E onde se encontrará fogo mais ardente, mais capaz de consumir toda imperfeição, se não no SS. Tabernáculo ?! ... E onde estará mais em nosso poder, se não quando estiver em nosso coração? ... E quando será mais fácil, se não quando estará em possesso de nossa alma? ... E o doce e único Amante do nosso coração, Jesus, como não possuirá e consumirá toda a nossa alma, estando tão próximo e unido?.. Oh! sim sim, concedamos-lhe todas as nossas faculdades, todas as nossas ansiedades! ...Morramos qual pomba trespassada pelo Caçador Divino!...Oh! então,quão preciosa será essa vida, que será vida e morte conjuntamente, vida Nele e morte a nós mesmas ... Oh! situação feliz! ... Oh! vida feliz! ... Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim! ... pode dizer com toda razão essa alma! ... Mas quando, quando, ó minha caríssima, nos será dado repetir este verso? ... Lentamente ... devagar ... devagar ... Mas não é impossível: a quem deseja, tudo lhe será fácil”(C 140).*

Nesse contexto luminoso, que resume a compreensão inspiradora e programática que Madre Margarida tinha do Amor, as irmãs chegam, então, às muitas referências exemplificativas.

A primeira coisa a destacar é descobrir a fonte da qual Madre Margarida constantemente se alimentava, e ao mesmo tempo, o seu conhecimento experiencial do Amor e a sua resposta pessoal de esposa apaixonada. As irmãs, unânimes e acertadamente, identificam-na na oração.

E' bom lembrar que Madre Margarida dedicava todo o tempo livre de que podia dispor à oração, de preferência (até que a sua saúde lhe permitiu), aos pés do tabernáculo ou num "buraco"

(como era chamado) que ficava atrás do altar: era, no sentido mais pleno da palavra, uma alma eucarística que colocava sua alegria em poder estar na companhia do Esposo que se fez "Prisioneiro do Amor", como ela amava chamar Jesus Eucaristia.

O contato assíduo e prolongado com Jesus Eucaristia, como as irmãs enfatizam apropriadamente, plasmou a espiritualidade de Madre Margarida em suas características peculiares: fez dela uma contemplativa ardente, uma reparadora generosa, uma apóstola zelosa.

O componente contemplativo também é colhido pelas irmãs que a conheceram pela maneira como a viam e descrevem Madre Margarida imersa em oração: ela permanecia imóvel por um longo tempo, parecia um querubim, muitas vezes seu rosto se cobria de lágrimas ... Mas, mais ainda, esse componente é percebido em suas cartas que as irmãs conhecem bem.

Compreensivelmente, a respeito dessa intensa experiência contemplativa e mística, Madre Margarida se abria mais ( não muito ...) com seus diretores espirituais. Pelo que ela confia nessas cartas, parece muito claro que vivia seu relacionamento de amor com Jesus numa notável alternância de humor. Para dar um exemplo, dentre os muitos possíveis, lemos o que escreveu numa carta, sem data, para Mons. Alfonso Agius: *“Sinto-me confusa e paro com a caneta na mão, sem saber o que tenho a dizer. Aproximo-me do Rei Prisioneiro e me lanço aos seus pés, as lágrimas descem em abundância, parece que sinto minhas culpas e as ofensas de todos que desagradam seu sensível Coração! Permaneço, então, como semi-morta por uma hora ou mais. Outras vezes, ouço um chamado (não com os ouvidos) e vou e desejo repetir: amado Esposo, amado Esposo, com muitos suspiros, etc. Parece que o coração quer explodir. Outras vezes sinto uma aridez que parece não ter Jesus nem nada. E assim os dias passam nessas variações. Somente temo não corresponder*

*seja nas alegrias que nas lágrimas. Porém, tento ocupar o tempo o máximo que posso no recolhimento e duas horas, além daquelas da comunidade, perto de Jesus, e neste tempo, depois de um ato de adoração, me atiro pertinho e, de acordo com as atrações de sua presença, deixo-me conduzir onde, onde quiser "(C 63).*

Sendo assim, não surpreende que Madre Margarida sentisse irresistível a necessidade de transmitir também aos outros seu ardor contemplativo e sua inesgotável busca por uma intimidade amorosa com Jesus. E faz com exortações veementes, nas quais transparece também a sua experiência pessoal. Assim faz com Mons. Alfonso Agius, como lemos na carta de 8 de **abril** de 1941: *"Ah! Imaginemo-nos naquele Oceano de Amor, de Amor Infinito, de Amor Eterno !!! Chega, eh! ?! Uma outra palavra. Escondamo-nos, aniquilemo-nos, imolemo-nos naquelas chamas eternas !!! Naquele Coração que encerra todo o fogo do Amor Divino !!! ... Entende? Espero que entenda como eu falo com Ele agora ... Oh! segredos escondidos ... Oh! silêncios !! "* (C 37).

Assim, e mais frequentemente ainda, ela faz com as co-irmãs. Em 22 de novembro de 1925, escrevendo para uma comunidade, assim se expressou: *" Quero, desejo e anelo almas, almas...Dêem-me almas que amem verdadeira e puramente o Senhor e Deus eterno, e serei feliz, muito feliz ... Oh! amemos, amemos este excelente nosso Pai eterno, que nos ama infinitamente, embora não somos que pobres e miseráveis suas criaturas! ... O que espera de nós se não amor ?! Amor, amor pede no Santo Tabernáculo! Amor pede através de muitas inspirações suas! O que ele quer? ... Quer ser conhecido e amado, amado, amado !! (C 72).* Às vésperas do Natal de 1945, escrevendo para uma comunidade, expressa a esperança de que o seu exílio terrestre não dure muito a longo; mas acrescenta: *“Porém, estou feliz em permanecer ainda: basta que isto agrade ao nosso dulcíssimo Esposo Jesus, aquele Jesus, que está Prisoneiro por nosso amor em todos os Tabernáculos do mundo*

*... Que amor! Que excesso de amor! Depois de se tornar Criança, se abaixou tanto até se tornar alimento! Como devemos ser loucas por seu Amor ?! Viver, viver a vida do mais puro amor ... Fogo veio trazer à terra e não deseja outra coisa a não ser que se acenda "(C 75).*

Madre Margarida lembra várias vezes que seu Esposo e de suas co-irmãs, é um Esposo Crucificado, que deu sua vida por nossos pecados. Essa consciência despertava nela diversas ressonâncias. Por exemplo, uma forte necessidade de suportar paciente e generosamente tudo o que não agrada à nossa natureza corrupta: fadigas, sacrifícios, renúncias, sofrimentos ... Tudo isso ela vivia, e com frequência esta realidade se apresenta numa perspectiva peculiar intimamente ligada ao componente contemplativo, que as irmãs percebem e registram com fidelidade: a reparação pelas ofensas que Jesus recebe continuamente. É um compromisso que implica imolação de si mesma e que, de certo modo, transforma em vítimas para o sacrifício.

Naturalmente, Madre Margarida sabia que, antes de tudo, é necessário reparar pelas suas faltas pessoais das quais ela, em sua humildade, se sentia sobrecarregada. Ao mesmo tempo, era tão penetrada por essa consciência que considerava a reparação um componente específico do carisma congregacional. Por exemplo, escrevendo para uma irmã em 27 de março de 1938, entre outras coisas, a faz lembrar-se de que "*somos vítimas e apóstolas das almas*" (C 148).

Justifica-se, então, seus frequentes apelos, suas exortações prementes, seu encorajamento materno, como podemos constatar nesses poucos exemplos. A uma Junior, próxima à profissão perpétua, em 11 de junho de 1924, escreve: "*Coragem forte forte, unida ao doce Esposo Crucificado para ser a sua consoladora, a sua reparadora; numa palavra, onde ele possa descansar à vontade*" (C 69). Em 8 de março de 1930, recorda a irmã Pacífica

Xuereb: *"Precisamos reparar; portanto, sofram os que o nosso dulcíssimo Esposo nos manda"*( C 91). Em 9 de dezembro de 1938, com uma clara referência à Eucaristia, exorta a uma co-irmã: *"Deixemos que faça de nós pequenas hóstias vivas ... hóstias pequenas pequenas que nem se nomeiem, nem se procurem para fazê-las aniquilar"* (C 109). Numa carta sem data, enviada a uma Junior próxima da profissão perpétua, recorda-lhe que a partir desse dia ela deve estar *"toda imolada no Amor"*; e, depois acrescenta: *"juntas ofereçamo-nos ao Amor misericordioso para obter misericórdia por todo o mundo ingrato"* (C 155).

Dessas citações, emerge claramente que para Madre Margarida, imolar-se vítima no compromisso de reparação tem uma dimensão apostólica objetiva.

Aqui, constata-se espontaneamente que, para Madre Margarida, tudo está estritamente ligado ao amor numa dupla perspectiva. Jesus - Amor pede acolhimento e participação: convida à intimidade contemplativa, estimula a cooperar em sua missão salvífica mediante a imolação reparadora e o zelo apostólico. E Madre Margarida entra plenamente nesse dinamismo do amor. De fato, o que foi dito em relação à contemplação e à reparação, aplica-se igualmente ao compromisso apostólico em suas múltiplas formas.

Como foi mencionado ao falar da fé, as irmãs de comum acordo, atribuem a Madre Margarida o mérito histórico e providencial de abrir à Congregação, amplos horizontes apostólicos sob o ponto de vista operacional, territorial e missionário. E, como era óbvio esperar, vinculam esse mérito ao valor norteador de sua espiritualidade: o Amor.

De fato, à sua expressão emblemática *"Amemos o Amor"*, Madre Margarida costumava fazer um acréscimo significativo. Segundo ela, o Amor não é amado porque não é conhecido.

Estremece ao pensar que as almas custaram o sangue de Jesus (cf. C 13, 57, 132, 152 ...). Por isso, sente imperiosamente o desejo de torná-lo conhecido para que seja amado por todos e em toda parte.

E, compreensivelmente, esse desejo ardente ela o transmite às irmãs, lembrando a todas de que o apostolado é um elemento integrante da específica vocação religiosa na Congregação. Para se ter uma idéia, vamos ler o que ela escreveu a um grupo de neo-professas em 17 de março de 1922: *"Sim, ofereçam-se totalmente a nosso Senhor Jesus, que está oferecendo a vocês uma missão, a mais fértil, para ganhar almas, almas, almas !!! O nosso doce Jesus nos oferece campos para trabalhar e cultivar; sim, façamos o possível para sermos generosas em corresponder aos seus apelos amorosos!...Ah! vocês, queridas filhas, que acabaram de se unir a Ele mediante os votos sagrados, apeguem-se cada vez mais a Ele, para poder corresponder, generosa e fielmente a um tão desejado Esposo !!! Peçam-lhe chamadas, chamadas de puro amor, de zelo por sua maior glória, pela salvação das almas, almas, almas! Oh! Quantas almas esperam a nossa obra, a nossa palavra e, sobretudo, a nossa oração"* (C 66).

O que dissemos quer destacar os principais traços cristocêntricos da espiritualidade de Madre Margarida, mas não esgota a sua consciência, o seu compromisso e o seu discurso sobre o tema fundamental do Amor. As irmãs o atestam fielmente. Em particular, são destacados dois elementos complementares e interconectados os quais possuem sua motivação inspiradora nessas palavras recorrentes: é necessário amar com as obras e em verdade (cf. C 64, 78, 116 ...); amor com amor se paga (cf. C 78, 122, 155 ...); fazer tudo com amor, no amor, por amor (cf. C 105, 114, 137 ...).

O primeiro elemento possui um alcance global e refere-se à necessidade de ser fiel aos deveres relacionados à vida religiosa, aceitar generosamente os sacrifícios e as renúncias que fazem

parte da experiência comum, suportar serenamente os sofrimentos e as doenças. O segundo, tem um objetivo mais específico e refere-se à caridade fraterna que deve reinar entre as irmãs e nas comunidades.

Em relação a essas problemáticas realistas, as irmãs reconhecem possuir um modelo exemplar em Madre Margarida no qual inspirar-se. Igualmente, reconhecem seus persistentes apelos e as suas calorosas exortações. Podemos ter uma idéia propondo algumas citações.

Em 4 de novembro de 1920, Madre Margarida incentivava uma irmã a aceitar uma transferência: *“Coragem e em frente, o nosso bom Jesus não se deixa vencer em generosidade. Se você for constante e fiel, Ele a ajudará em todas as circunstâncias e necessidades que se apresentarem. Amemos o Amor, isto é, sofram pelo Amor ... Ou seja, nas ocasiões estaremos sempre contentes e prontas a mortificar o nosso amor próprio e oferecer ao Amor, lenha boa a ser consumada, etc.”* (C 141). Escrevendo, em 2 de abril de 1933, à irmã Dionísia Thomis, mestra das noviças em Roma, exorta-a : *“Sim, minha querida, faça tudo para que [as noviças] aprendam a meditar bem a SS. Paixão e Morte de nosso dulcíssimo Esposo Crucificado, podendo penetrar bem no verdadeiro senso do puro amor, etc. etc. Assim, aprendem a humildade verdadeira e profunda, a perfeita obediência, etc. etc. Eh! quanto Ele nos amou !! Quanto nos privilegiou escolhendo-nos entre milhares e milhares de outras mais dignas de nós”* (C 116). Em 7 de agosto de 1944, exortava a comunidade de Roma com estas palavras: *“Ah! Queridas filhas, sim, sim, com o sacrifício se demonstra o amor. Alegrem-se, portanto, por essas duras pedras com as quais se pode fazê-Lo feliz com a própria generosidade ”*(C 74).

Neste contexto global, também é feita específica referência às exigências da caridade fraterna que, na vida religiosa, vivida em

comunidade, aparecem muitas oportunidades para ser exercida de diferentes maneiras. É um requisito importante a nível de princípio mas, frequentemente problemático, no nível existencial.

Também nesse sentido Madre Margarida tinha um comportamento exemplar: como é evidente em suas cartas, nutria um carinho materno por todas as suas co-irmãs e as seguia com um interesse permeado de preocupação e encorajamento. Portanto, não é de se surpreender que frequentemente chamasse a atenção para esse tópico. Por exemplo, estando para concluir seu ofício de superiora geral, em 13 de abril de 1923, escreve, assim, para uma comunidade: *“Jamais deixarei, mesmo em outra posição, de recomendar que vocês sejam pequenas, dóceis, flexíveis em amar-se e ajudar-se reciprocamente. Sim, minhas queridas, sim, ajudemo-nos sempre a carregar o peso uma da outra, para que o Senhor se digne unir - nos em laços de perfeita caridade fraterna e em puro amor, mortificando o malvado e malicioso eu humano, etc... Entendidas?”* (C 67).

Como recordam as irmãs, Madre Margarida insistia nesse assunto quando, como Superiora Geral, visitava as comunidades, deixando também suas recomendações por escrito. Relatamos uma passagem que diz respeito a um problema específico:

*“Peço-vos, portanto, por caridade, que evitem referir uma à outra, os defeitos das co-irmãs que, às vezes, poderiam suspeitar ou que, de algum modo, lhes fossem referidos. Sejam cautelosas e reservadíssimas nesse ponto tão delicado, que poderia causar sérios danos e discórdias ... Somos todas frágeis, fáceis de cair, propensas a errar; portanto, procuremos encobrir os defeitos que vemos naqueles que nos rodeiam ”*(V 17).



## As virtudes cardeais

Introduzindo o discurso sobre "virtudes humanas", o Catecismo da Igreja Católica assim se exprime: *"Quatro virtudes têm um papel basilar. Por esse motivo, são chamadas de "cardeais"; todas as outras estão agrupadas ao seu redor. São elas: prudência, justiça, fortaleza e temperança "(n. 1805).*

Essas virtudes são chamadas de "humanas" porque fundamentam-se na natureza humana e, portanto, são comuns a todos. Sua tarefa é incorporar os valores inerentes à natureza humana e implementar suas exigências operacionais para dar autenticidade à pessoa e desenvolvimento em sua vida.

Ao mesmo tempo, deve-se lembrar também que, na perspectiva cristã, todas as virtudes (teológicas e morais, cristãs e humanas) são exercidas sob o estímulo da graça divina. Madre Margarida era bem ciente dessa verdade, como podemos constatar numa carta enviada em 7 de janeiro de 1930 a uma irmã: *"Eh! minha filha, minhas recomendações são sempre as mesmas. Seja pequena, pequena, deixe que o doce Jesus aja em você de acordo com seu doce prazer, tomando cuidado para não impedir sua ação, mas segue-a generosa e fielmente, sem um mas e sem um se. Estamos entendidas?" ( C 146).*

Como é para as virtudes teológicas, a ordem em que as virtudes cardeais são organizadas, também tem sua conexão lógica. A prudência é colocada em primeiro lugar porque sua tarefa é avaliar cuidadosamente todas as escolhas a serem feitas para que sejam boas e retas; segue a justiça que tende a agir sempre no respeito aos direitos dos outros; por sua vez, a fortaleza infunde o vigor necessário para enfrentar as dificuldades e os obstáculos que ocorrem frequentemente na implementação de suas escolhas; finalmente, a temperança impulsiona para manter sob

controle as tendências desordenadas e as resistências de vários tipos que todos experimentam e que são um obstáculo à coerência operacional e à perseverança no bem.

Nestas premissas essenciais, vemos como as irmãs acataram o exercício dessas virtudes na vida de Madre Margarida e em seus escritos.



**Prudência**

**Temperança**

**Fortaleza  
Temperança**

**Justiça**

## **Prudência**

Na vida de Madre Margarida, as irmãs registram episódios significativos nos quais identificam o exercício exemplar da virtude da prudência, como um discernimento sábio e um guia seguro em suas escolhas operacionais.

Na sua opinião, Padre José Diacono a escolheu como secretária do nascente instituto, embora ela fosse ainda muito jovem, porque a considerava uma pessoa madura e idônea para desempenhar aquela importante e delicada função que, entre outras qualidades, exige precisamente a capacidade de agir com equilíbrio e ponderação. E os fatos comprovaram a sua opção.

É bem destacado que essa capacidade de discernir com sabedoria, nutrida e exercida à luz da fé, Madre Margarida demonstrou de modo exemplar nos longos anos de seu serviço à Congregação como Superiora Geral e como membro do Conselho. De fato, que as escolhas por ela feitas e promovidas foram ponderadas e perspicazes provam-no os resultados obtidos: o crescente número de vocações, o incremento das obras de caridade e apostólicas, a expansão além das ilhas maltesas, a abertura missionária ...

Igualmente pertinente é a referência ao comportamento pessoal de Madre Margarida com suas co-irmãs como evidenciam, inclusive, as suas cartas. Nutria por elas um carinho maternal que a fazia interessar-se por cada uma; e, com terna e delicada solicitude, não deixava de lhes dar conselhos e encorajamento. Por sua vez, as irmãs retribuía com carinho e confiança filial, com estima e respeito, além de sincera gratidão.

As centenas de cartas de Madre Margarida que as irmãs preservaram ciosamente, são documentação significativa dessa relação constante e intensa. E nessas cartas, ricas de lembretes e

exortações de vários tipos, encontramos também a recomendação de agir com prudência, com a devida atenção e ponderação. Por exemplo, na carta de 6 de agosto de 1924, dirigida à Irmã Pacífica Xuereb, nomeada superiora na comunidade de Troína (Sicília), escreve: *“Alegro-me pela nova missão que lhe coube! Tome muito cuidado para trabalhar com prudência neste campo, mas ao mesmo tempo com espírito todo seráfico e evangélico”* (C 85). Na carta de 28 de julho de 1939, endereçada a Irmã Luisa Busuttil, superiora da comunidade de Roma, lamenta-se pelo comportamento negativo de algumas irmãs e acrescenta: *“Precisa rezar muito por elas, coitadinhas, porque às vezes encontram o perigo onde menos esperam! Portanto, sempre, em todo lugar e com todos, é preciso que sejam sérias e temerosas, mais que corajosas”* (C 110). Numa carta, sem data, à jovem Irmã Rosária Sotera, recomenda - lhe : *“Sinto que você deve ser uma santa pequena pequena; portanto, deve ter o cuidado de corresponder bem às inspirações do bom Jesus. Entendidas? ... Compreende-me?”* (C 125).

Essa notável qualidade de conselheira é salientada pela Irmã Pacífica Xuereb em um de seus escritos: *“Tinha uma boa palavra para cada uma de nós, tanto que todas confiávamos nela e ela nos dava bons conselhos, conselhos espirituais que deixavam naqueles que se lhe aproximavam, uma certa paz no coração”*.

Deve-se lembrar também que, das mais de 60 cartas conservadas por dois de seus diretores espirituais, Mons. Antonio Galea e Mons. Alfonso Agius, verifica-se que, a ambos, Madre Margarida, frequentemente, pedia conselhos e os tinha em grande consideração procurando entender melhor como conduzir sua vida espiritual e ser sempre fiel a Deus.



**Prudência**

## Justiça

A virtude da justiça, como sabemos, tende a respeitar os direitos dos outros; requisito comumente expresso com a fórmula: dar a cada um o que é seu. E a primeira pessoa cujos direitos devem ser respeitados é Deus. Conhecemos a resposta de Jesus aos fariseus sobre o problema do imposto a ser pago a César: dêem também a Deus o que é de Deus (cf. Mt 22,15 e ss.).

E é com particular sensibilidade a esse aspecto do problema, que as irmãs falam da virtude da justiça na vida de Madre Margarida. É um destaque importante, porque ajuda a compreender melhor, em todo o seu alcance, a sua referência constante à vontade de Deus. De fato, fazer a vontade de Deus para ela, era uma necessidade absoluta que não podia ser negociada: deve ser aceita e realizada sem um se e sem um mas, mesmo quando não corresponde às expectativas pessoais e requer sacrifícios e renúncias.

Falando de sua fé, surgem de imediato, as razões pelas quais Madre Margarida costumava insistir para incutir tal disponibilidade em suas irmãs: em particular, a correspondência ao amor com que Deus cuida de nós e o abandono confiante à sua providência. A referência à justiça completa adequadamente os motivos que impõem essa exigência.

A esse respeito, é instrutivo considerar os nomes que Madre Margarida usa para expressar a sua compreensão de Deus-Trindade. Para aqueles evocativos já mencionados ao falar da fé, sinal de seu misticismo ardente e penetrante, Madre Margarida acrescenta outros mais: Deus é Criador e Senhor, mas também Patrão. Certamente, Deus é um Senhor gentil (cf. C 109) e bom (cf. C 137), mas também absoluto: portanto, a Ele a submissão total é devido. Lemos o que escreve em uma carta, sem data, para a irmã Rosaria Sotera, já mencionada acima: “*Minha querida*

*filha, o nosso bom Jesus escolhe quem Ele quer, ele é o Senhor absoluto de suas criaturas; mas ai, se não forem fiéis em corresponder aos seus desígnios"(C 125). É óbvio que, para Madre Margarida, não se trata de uma correspondência servil, ditada pelo medo ou pelo interesse, mas uma correspondência filial, inspirada por um amor iluminado e agradecido. De fato, é nesse binômio "justiça-amor" que o apelo recorrente de Madre Margarida à fidelidade generosa e perseverante, deve ser contextualizado e compreendido.*

No que se refere em relação à justiça nas relações interpessoais, coletando notícias das irmãs que conheceram Madre Margarida, constatou-se que ela tratava todas as co-irmãs com caridade, sem nunca fazer preferências indevidas, e que, quando estava no governo da Congregação, tomava sempre as decisões que considerava justas e oportunas, depois de estar em oração por muito tempo e ter consultado o seu Conselho.



**Justiça**

## Fortaleza

Já sabemos da frase que Madre Margarida repetia constantemente para si e para os outros: coragem forte forte. E não nos surpreende que, falando de sua forte coragem em enfrentar tantas situações difíceis, as irmãs a comparem com a mulher forte e perfeita de que fala o livro dos Provérbios (cf. Pv 31,10 ss.). De fato, alguns episódios significativos são relatados com compreensível admiração.

Por exemplo, recordamos a coragem com que Madre Margarida declarou ao Padre José Diacono que estava pronta, com a ajuda de Deus, a assumir a responsabilidade da Congregação que ele queria dissolver. Igualmente presente na mente das irmãs é a coragem com a qual ela abriu a primeira missão em Corfú, mesmo consciente dos graves desafios e das dificuldades econômicas que as irmãs enfrentariam; inconvenientes e dificuldades que ela mesma menciona, várias vezes, em suas cartas de Corfú a Monsenhor Antonio Galea. Uma situação análoga surgiu igualmente, por ocasião da abertura da "Casa de Adoração" em Valletta (Malta), fortemente desejada por Madre Margarida, que conseguiu superar as perplexidades compreensíveis e as resistências iniciais de seu Conselho.

Com igual admiração, as irmãs destacam a coragem de Madre Margarida em aceitar as limitações e os sofrimentos, causados por sua saúde precária, que se agravaram cada vez mais nos últimos anos de sua vida. De fato, vem salientado, exatamente quando ela não podia mais fazer nada e dependia de suas irmãs também para as necessidades pessoais, que ela deu exemplo admirável de uma fortaleza serena e paciente.

E, com razão, as irmãs se perguntam de onde ela atingia a coragem e a força para enfrentar as fadigas e as dificuldades de vários tipos que marcaram toda a sua vida. E, como certamente se

previa, elas rapidamente encontram a resposta: a coragem e a força. Madre Margarida buscava sobretudo na oração. Por exemplo, na carta de 17 de maio de 1923 a Mons. Antonio Galea, depois de confessar que, apesar de estar em santo retiro, era *"quase toda envolvida nos pensamentos do seu ofício"*, acrescenta: *"Eh! Querido Padre, a lembrança da rigorosa prestação de contas que devo fazer pelas almas alheias me assusta muito, enquanto já é demais pesada a da minha alma pobre e ingrata. O que devo fazer, se não me abandonar totalmente aos cuidados paternos da Divina Providência! Preciso de ajuda, de coragem, para me lançar de imediato naquele Oceano do Amor Divino, naquele Seio Paterno onde encontrar força, luz e conforto para poder avançar e prosseguir sempre em frente, em frente"* (C 25).

Como sempre, as irmãs observam que a inquebrantável coragem que sustentava Madre Margarida nos acontecimentos variados da sua vida, ela se comprometia de transmiti-la aos outros também. Lemos, por exemplo, numa carta de 5 de maio de 1922, como ela incentiva uma irmã: *"Agora precisamos nos resignar a qualquer disposição da providência divina! Sim, repitamos sempre o querido Fiat. Porém, com coragem e alegria e não em lágrimas e suspiros. Entendidas? Desconfiança de nós mesmas e confiança absoluta na bondade divina, e basta! Compreende? Contudo, devemos lutar com a natureza e o diabo que, com suas sugestões, não faz nada mais que inspirar desconfiança, desânimo, etc. etc ... Tenha coragem, portanto, e não seja criança, mas qual esposa forte, abandone-se totalmente ao doce Esposo e basta. Não me deixe mais saber das suas lágrimas; isto é, não quero mais que você chore por essas coisas, mas pelas ofensas ao doce Jesus. E em segredo, e jamais se mostre triste e desanimada. Sendo assim, procure imediatamente o bom Jesus, Prisioneiro de amor e sairá de lá, cheia de coragem e fortalecida; porém, isso acontecerá de acordo com suas disposições e a sua correspondência. Seja generosa no abandono*

*e constante na confiança, e certamente lhe será dado tudo o que precisar !!! Experimente e verá ”( C 143).*



**Fortaleza**

## Temperança

Podemos começar esse discurso, com uma citação pertinente do apóstolo Paulo, relatada pelas irmãs: *"Aquele que é insensato para o mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; o que é fraco para o mundo, Deus o escolheu para confundir os fortes; o que é ignóbil e desprezado pelo mundo, o que não é nada, Deus escolheu para reduzir a nada as coisas que são, para que ninguém se glorie diante de Deus"*(1 Co 1,27 ss.). De fato, essas palavras encontram um amplo e exigente campo de aplicação precisamente no exercício da virtude da temperança. Além disso, encontram uma confirmação exemplar em Madre Margarida.

Conhecendo bem sua vida, as irmãs observam, com razão, que Madre Margarida compreendeu, exerceu e recomendou o exercício dessa virtude em um duplo nível complementar: mortificação corporal e, segundo sua expressão típica, controle da própria " natureza decaída".

No que diz respeito à mortificação corporal, vê-se delineado um quadro muito eloquente. Madre Margarida não só jejuava com frequência, mas costumava mortificar-se diariamente e com severidade na alimentação: quase nunca comia carne, era a última a servir-se ficando satisfeita com o que restava, recolhia restos de pão e deles se alimentava ... Além disso, usava um cilício na pele nua e também fazia uso freqüente da disciplina.

Igualmente sério e permanente, era o seu compromisso de manter sob controle rigoroso, a fim de neutralizar sua influência perniciosa, tudo o que provém da natureza viciada (sentimentos, tendências, desejos, atrações ...). Um agente precioso para entender esse compromisso temos nas suas cartas, sabendo que quanto pedia aos outros, ela era a primeira a colocá-lo em prática. Podemos perceber isso em alguns exemplos.

Na carta de 5 de dezembro de 1924, dirigida à comunidade de Troína (Sicília), lemos: *“É necessário sempre lutar contra a nossa natureza decaída; ocorre sempre sacrificar - nos, sempre morrer para as nossas satisfações ... para as nossas tendências más. Jamais ceder às razões humanas nem às pretensões da nossa carne ... Sempre nossos corações em alto, em alto os nossos pensamentos e nunca nas coisas baixas... Tanto quanto possível, com a graça divina, sempre olhemos além do Etna, mais em alto, mais alto ainda ”*( C 71). Na carta escrita no mesmo dia à irmã Pacífica Xuereb, lemos: *“Agir sempre contra a natureza, sempre combater o nosso Eu humano, e depois basta: teremos ocupações contínuas e duradouras. Entendidas? Coragem e sempre em frente ”* ( C 86).

Em outra carta sem data para a mesma irmã, lemos: *"Graças ao bom Jesus, estamos todas com boa saúde, contentes, lutando com nosso amor próprio... O que acham? Sempre a mesma luta, sem descanso, sem trégua ... Precisa sempre agir contra, não é? Vocês, como fazem para vencer? Como estão indo na luta?Eh! Uma hora lá em baixo, outra hora lá em acima. Paciência sempre, e humildade"* ( C 102). Escrevendo em 11 de janeiro de 1934 à irmã Gertrude Gatt, exorta-a:*"Aproveitemos de todas as ocasiões para adornar-nos de santas virtudes; abaixando o nosso orgulho, sempre e antes de tudo, sendo o nosso maior inimigo que dorme; depois desapego total de todas as coisas terrenas, especialmente da vaidade, não em nós apenas, mas também nas coisas e pessoas que se aproximam de nós, como pronunciamos na vestição e na profissão: o mundo é crucificado para nós e nós estamos crucificadas para o mundo. Ou seja, o mundo não terá repercussões em nós"*( C 126).

Uma ulterior confirmação de como Madre Margarida vivia a virtude da temperança, é relatada em uma passagem obtida num dos escritos de Madre Nazarena Gouder, que a conhecia bem: *“Madre Margarida era dona de si mesma. Não deixava*

*transparecer externamente, nenhum sinal de impaciência, nem mesmo o menor ressentimento, mas comportava-se igualmente com todas, seja com aquelas que lhe demonstravam certa estima, como com as irmãs que a perseguiam. De fato, com estas últimas, a Madre demonstrava mais ternura e, quando recebia alguma ofensa de alguma dessas irmãs, mais se humilhava, procurando defendê-la, falando bem dela, desculpando-a e compadecendo-se dela”.*

Para entender mais a fundo o comportamento pessoal e as suas exortações recorrentes às irmãs, é bem justificada e pertinente a conexão que fazem com o compromisso de reparação, que é um elemento qualificador da espiritualidade e do carisma congregacional já abordado em antecedência.

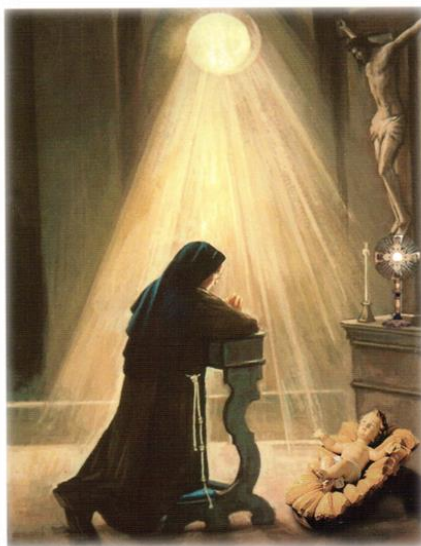


**Temperança**

## **As outras virtudes**

Aqui reunimos uma breve apresentação de algumas virtudes que contribuíram muito para delinear a espiritualidade de Madre Margarida e sobre as quais as irmãs chamam oportunamente a atenção.

### **Oração**



Destacamos, antes de tudo, a referência à oração, porque é expressão da virtude de religião que, por sua vez, é um componente integrante da virtude cardeal da justiça.

Falamos já várias vezes sobre o lugar e a importância da oração na vida de Madre Margarida. Aqui integramos esse discurso, lembrando alguns temas cristológicos fundamentais de sua oração que não escaparam à atenção das irmãs.

Em perfeita consonância com a espiritualidade franciscana, Madre Margarida foi particularmente atraída a centrar a sua meditação orante no mistério do amor manifestado por Jesus em Belém, no evento de Natal, e no Calvário, no episódio da Paixão. Esses acontecimentos foram para ela a revelação mais desconcertante de um Deus que, por amor, se faz homem e, por

amor, se entrega totalmente na humildade, na pobreza, no sofrimento, na morte ...

Pelo modo como ela fala a respeito, em suas cartas, é evidente que esses acontecimentos estavam profundamente enraizados em sua mente e no seu coração e que influenciavam incisivamente a sua vida. E isso explica por que, com tanta frequência e paixão, exorta às irmãs que façam o mesmo. Podemos nos dar conta disso em dois exemplos.

Em uma carta sem data, dirigida às noviças de Roma aproximando-se o Natal, Madre Margarida exorta-as calorosamente: *“Duas palavras a todas vocês. Nestes dias santos, não se fala que de Amor, de Amor, Amor. E como não? Como não, se um Deus se faz homem por amor ??? Um Ser infinito em grandeza, em majestade, etc. etc., se aniquila, se faz Criança pequena ... e por quê? por amor do homem ingrato. O que mais podemos dizer? Melhor calar em profundo silêncio de adoração ... Depois amar, amar e amar... O amor se paga com amor. Portanto, caríssimas, amemos com obras e na verdade e basta ... No presépio, diante do Deus Menino, aprende-se a amar! Portanto, deixo-as na companhia de um tão doce modelo, desejando que vocês sejam uma cópia exata e completa”( C 78).*

Numa carta sem data, enviada em uma Quinta-feira Santa à uma comunidade, ela escreve: *“Vemos também nesses dias santos, nosso amado Jesus saturado de opróbrios! Obediente até à morte e morte de cruz! O que queremos mais para abater à morte o nosso orgulho ou, melhor dizendo, o nosso reverendo amor próprio?! Ah! entendamos bem: sem morrer, não se ressuscita. Portanto, morramos com nosso bom Jesus, para que com Ele possamos ressuscitar para uma vida nova... Amemo-Lo puramente e basta ”( C 79).*

A centralidade do Natal e do Calvário na espiritualidade de Madre Margarida também explica, como já mencionado, a sua predileção pela Eucaristia e a sua devoção ao Sagrado Coração. Para ela, são um apelo irresistível ao mistério do amor manifestado por Jesus naqueles dois acontecimentos nos quais concluiu sua vida terrena. Eis porque não se cansava de citá-los em suas cartas, exortando às irmãs que permaneçam com frequência aos pés do tabernáculo para inflamar-se de seu amor na ardente fornalha do Coração de Jesus.

## Humildade

É neste contexto cristológico que podemos agora levar em consideração as outras virtudes mais incisivas reconhecidas pelas irmãs em Madre Margarida: a humildade, a pobreza, a obediência. São virtudes importantes por dois motivos: todas são componentes específicos da espiritualidade franciscana; além disso, pobreza e obediência são tomadas com voto (juntamente à castidade) na profissão religiosa dos conselhos evangélicos.

A intensa vida de oração levou Madre Margarida a um progressivo conhecimento experiencial de Deus; ao mesmo tempo, a consciência de sua infinita transcendência, da soberana majestade de Deus e de sua suma santidade, a mantinha constantemente num estado de profunda e resignada humildade.

As irmãs prestam muita atenção a essa virtude de Madre Margarida e vêem a prática das mesmas em seu comportamento habitual alheio a qualquer forma de ostentação e pretensão. Além disso, jamais afirmou seu mérito histórico de ter salvado a Congregação da dissolução já determinada por Padre José Diacono.

Mas não faltam referências a episódios particulares. Por exemplo, na passagem já mencionada, Madre Nazarena Gouder relata que Madre Margarida se comportava de maneira ainda mais humilde em relação às irmãs que se opunham a ela, tentando desculpá-las com benevolência. Outro exemplo, ainda mais significativo, refere-se ao que ocorreu no Capítulo Geral de maio de 1923. Contrariando o pedido do bispo de Malta, que o presidia, as capitulares novamente elegeram Madre Margarida como Superiora Geral; o bispo não convalidou esta eleição causando um grande alvoroço. Nesse momento, Madre Margarida se ajoelhou humildemente diante do bispo pedindo perdão em nome das irmãs,

às quais então, ela dirigiu um apelo para não pensarem mais nela. E assim aconteceu.

A humildade de Madre Margarida tinha suas raízes na persuasão, já mencionada, de ser uma pobre pecadora, ingrata a Deus pelos muitos benefícios recebidos e merecedora de seus castigos. É uma convicção que, com frequência, transparece em suas cartas e que nutria nela, como já recordamos, a pungente exigência de reparação.

Não surpreende, portanto, que exorte as co-irmãs a praticar e crescerem na humildade. Na carta de 20 de novembro de 1926, enviada à irmã Pacífica Xuereb, ela dirige-se diretamente a um grupo de jovens irmãs exortando-as calorosamente: *“Como vocês estão? São humildes? Aprenderam a importante lição da humildade? Irmã Salvina, lembra-se, no ano passado, quando líamos no livro da humildade? Portanto, estudemos sempre a mesma lição para, enfim, aprendê-la bem. A todas, todas cumprimentamos e abraçamos no Sacratíssimo Coração e sempre rezemos, como já dissemos, para obter a verdadeira humildade; aprendamos a ser pequenas, pequenas e simples, como crianças inocentes, não ignorantes e soberbas. Entendidas?”* ( C 90).

Em outra carta sem data, escreve: *“Graças ao bom Jesus, estamos todas com boa saúde, felizes, lutando com nosso amor próprio ... O que acham? Sempre a mesma luta, sem descanso, sem tréguas ... Precisa sempre agir contra, não é mesmo? Vocês, como fazem para vencer a si mesmas? Como estão indo na luta? Eh! Uma hora lá em baixo e outra lá em cima. Paciência sempre e humildade”* ( C 102). Semelhante é a recomendação feita em 2 de abril de 1933 à irmã Dionísia Thomis, Mestra das noviças em Roma: *“Sim, minha querida, faça tudo para que aprendam a meditar bem a Santa Paixão e morte de nosso dulcíssimo Esposo Crucificado, para assimilarem bem o verdadeiro sentido do puro*

*amor, etc. etc. Assim, aprendam a verdadeira e profunda humildade, a perfeita obediência, etc. etc. (C 116).*



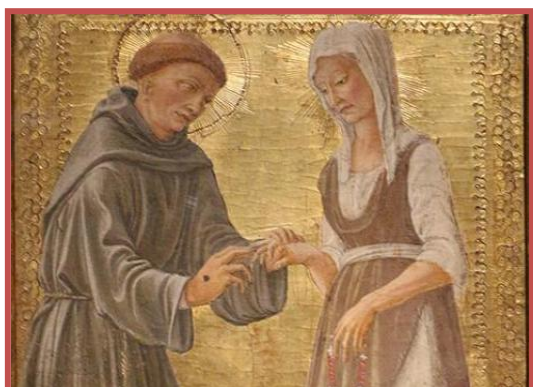
**Humildade**

## Pobreza

Irmã gêmea da humildade é a virtude da pobreza. Este é um binômio presente em Madre Margarida, quando exige a atenção das irmãs para os mistérios cristológicos já mencionados: Natal e o Calvário. Também merece ressaltar o fato de que, muitas vezes, ela usa o adjetivo "pobres" numa perspectiva de humildade. Por exemplo, exprime a sua jovial maravilha porque a "Casa da Adoração" em Valletta (Malta) foi designada "*às pobres franciscanas*" (cf. C 87); do mesmo modo, confessa a sua amarga surpresa pela falta de correspondência ao amor que Deus tem para com as "*pobres criaturas*" (cf. C 71).

Sendo uma virtude que qualifica a espiritualidade franciscana, as irmãs, certamente, não podiam deixar em silêncio os apelos à pobreza testemunhada por Madre Margarida em sua vida cotidiana: vestia-se de maneira muito pobre, se contentava com o estritamente necessário, não buscava comodidades, não tinha pretensões ... Por exemplo, estando em 1933 na Casa de "Nossa Senhora Menina" em Xagħra (Gozo), expressa a sua alegria pela pobreza que reina no ambiente (cf. C 115).

E, com razão, as irmãs vinculam o exercício dessa virtude, tão inculcada por Madre Margarida, na perspectiva cristológica da qual já se falou, ao abandono confiante e incondicional que ela colocava aos cuidados paternos de Deus. E entre os exemplos citados, é dada ênfase particular à coragem com que Madre Margarida aceitou abrir em absoluta pobreza a missão de Corfú.



***São Francisco,  
esposo da Madona Pobreza***

## Obediência

Falando sobre a humildade, Madre Margarida insiste repetidamente na necessidade de lutar contra o próprio orgulho (cf. C 126); do mesmo modo, exorta ao desapego (cf. C 143), que é um componente da pobreza entendida evangelicamente. Esses lembretes são importantes porque somente uma pessoa, interiormente humilde e espiritualmente pobre, se coloca à disposição da obediência que requer a renúncia à autonomia pessoal e de decisão.

Falando, pois, de obediência a respeito de Madre Margarida, as irmãs costumam associar o discurso ao da humildade como o da pobreza, juntamente ao do amor. É uma associação pertinente e justificada, porque frequentemente a encontramos presente em suas cartas (cf. C 81, 105, 116).

Considerando este contexto, é natural que as irmãs vissem em Madre Margarida um modelo também na virtude da obediência, fazendo referência a fatos específicos dos quais, inclusive, encontramos vestígios em suas cartas.

A este respeito, podemos traçar o seguinte quadro. Madre Margarida foi, antes de tudo, obediente a Deus: pense no Fiat espalhado por toda parte nas cartas e aplicado antes de tudo a si mesma. Ela foi obediente à autoridade eclesiástica, como quando aceitou a proposta do bispo de Malta para abrir uma missão em Corfú e quando aceitou a "Casa de Adoração" em Valletta (Malta) (cf. C 24). Foi obediente às suas superiores, quando, em setembro de 1951, aceitou ir para uma casa "muito confortável" do Instituto São José, em Hamrun (Malta), para usufruir um pouco de refrigério daquele ar benfazejo para ela (cf. C 104). Foi obediente ao seu diretor espiritual, Mons. Antonio Galea, como, em seguida à sua intervenção, venceu as suas resistências em aceitar a nova eleição para Superiora Geral, em 1917 (cf. C 2 ss.) ...

## Conclusão

A apresentação das virtudes de Madre Margarida, feita nas páginas anteriores, registra em uma síntese unitária e orgânica, como suas filhas espirituais de hoje vêem e admiram a sua Madre fundadora, por quem nutrem afeto, veneração e reconhecimento.

Considerados na sua totalidade, os textos das irmãs dos quais essa síntese foi obtida, oferecem de Madre Margarida, a imagem cativante de uma mulher que viveu sem reservas e com uma constância louvável, o dom divino de sua vocação na prática de todas as virtudes exercidas à luz da fé, na tensão da esperança, no ardor da caridade.

Da maneira como é apresentada pelas irmãs, Madre Margarida é uma pessoa que, no exercício de suas virtudes, alcançou uma brilhante realização de si mesma em uma harmoniosa unidade espiritual, moral e humana: aparece, na verdade, como um esplêndido mosaico com múltiplos elementos.

Certamente, pode-se afirmar que esses documentos, embora não sejam exaustivos, estão em plena sintonia com o reconhecido julgamento laudatório expresso pelos Consultores Teológicos em relação à Madre Margarida; julgamento oficialmente ratificado com o selo de sua suprema autoridade eclesial, Papa Francisco, com a proclamação do exercício heróico das virtudes teológicas e morais por parte de Madre Margarida.

Portanto, duas observações pertinentes feitas pelas irmãs são bem compreendidas, enquanto podem servir para formular uma conclusão aberta e estimulante sobre a vida.

A primeira observação refere-se aos ensinamentos sobre a prática das virtudes (exortações, lembretes, conselhos, encorajamentos ...) disseminados, em toda parte por Madre Margarida, em suas cartas às irmãs. As irmãs de hoje se sentem

intimamente desafiadas e envolvidas pessoalmente nesses ensinamentos e, portanto, os consideram endereçadas também a elas.

A segunda observação, refere-se ao conjunto de virtudes que brilham na vida de Madre Margarida. As irmãs de hoje, colhem em seu testemunho de vida, um convite materno e um estímulo premente para ver em sua Madre, um modelo ao qual inspirar-se, para dar autenticidade à própria vida consagrada em fidelidade ao carisma congregacional.

Por fim, segundo elas, é como se Madre Margarida, com os escritos e com o exemplo, lhes repetisse as palavras do Pai São Francisco a seus frades: fiz a minha parte; o Senhor ensine vocês, a fazerem a sua.

É claro que, o que Madre Margarida diz para suas filhas espirituais, ainda hoje, pode ter ressonâncias preciosas e múltiplas para todos.

### **Oração**

Santíssima Trindade, adoro-te, bendigo-te, louvo-te e te agradeço por todos os dons e graças concedidas à Venerável tua Serva, Madre Margarida do Sagrado Coração.

Digna-te, eu te suplico, manifestar nela o poder do teu amor e a grandeza da tua misericórdia, concedendo-me por sua intercessão, a graça que tanto imploro.

*Glória ao Pai .....*



Venerável Serva de Deus  
Madre Margarida  
do Sagrado Coração

Fundadora  
das Irmãs Franciscanas  
do Coração de Jesus



## ÍNDICE

|                               |                |
|-------------------------------|----------------|
| <b>Premissa</b>               | <b>Pág. 3</b>  |
| <b>As virtudes teologais</b>  | <b>Pág. 7</b>  |
| Fé                            | Pág. 8         |
| Esperança                     | Pág. 14        |
| Caridade                      | Pág. 20        |
| <b>As virtudes cardeais</b>   | <b>Pág. 30</b> |
| Prudência                     | Pág. 32        |
| Justiça                       | Pág. 34        |
| Fortaleza                     | Pág. 36        |
| Temperança                    | Pág. 39        |
| <b>As outras virtudes</b>     | <b>Pág. 42</b> |
| Oração                        | Pág. 42        |
| Humildade                     | Pág. 45        |
| Pobreza                       | Pág. 48        |
| Obediência                    | Pág. 49        |
| <b>Conclusão</b>              | <b>Pág. 50</b> |
| <b>Oração à Me. Margarida</b> | <b>Pág. 51</b> |

# Irmãs Franciscanas do Coração de Jesus



FIDES SPES CARITAS PRVDENTIA IVS